

Marco Bucaioni\*

FLUL - CLEPUL

# Entre a inércia do Cânone Literário e ataques à “italianidade”

## Resumo:

As reflexões teóricas das últimas décadas sobre a formação dos cânones literários e a necessidade da sua reformulação chegaram também a Itália. A recepção dessas ideias, porém, parece ser particularmente fraca, de forma a poder dizer-se hoje que, no geral, falharam o seu objetivo, tendo prevalecido uma atitude mais que prudente – ou até abertamente conservadora – na manutenção dos cânones literários tradicionais. Objetivo deste artigo será fornecer e problematizar elementos sobre a questão do cânone literário em Itália e contribuir para uma discussão sobre a necessidade da sua renovação, tentando focar quais são as resistências a um acolhimento mais favorável dos apelos para uma abertura canónica.

## Palavras-chave:

Cânone Literário, Itália, Estudos Pós-Coloniais, Curriculum Studies

## Abstract:

Theoretical reflections from recent decades on literary canons' formation and the necessity of their reformulation arrived also in Italy. The reception of these ideas, however, seems to be particularly weak in that country, to the extent that we can say that these strategies, in general, failed to reach their objective. A more prudential attitude – if not an openly conservative one – in maintaining the traditional canons has triumphed. The main objective of this article will be to provide and problematize elements on canon renovation in Italy and to contribute to a discussion on the necessity of and the resistance to canon renovation.

## Keywords:

Literary Canon, Italy, Postcolonialism, Curriculum Studies

As reflexões das últimas décadas sobre a formação do cânone e a necessidade da sua reformulação chegaram também a Itália. A recepção dessas ideias, porém, parece ser particularmente fraca, de forma a poder dizer-se hoje que essas estratégias, no geral, falharam o seu objectivo, tendo prevalecido uma atitude mais que prudencial – para não dizer abertamente conservadora – na manutenção da ideia, do papel e da fruição dos cânones nos Estudos Literários.

Para validar essas afirmações seria, todavia, necessário avaliar o conservadorismo canônico do sistema literário, o que não é tarefa imediata nem sem insídias, sendo que não há uma cartilha segura para determinar o grau de abertura perante a renovação canônica. Acreditamos, contudo, que existem elementos reveladores de um panorama mais ou menos aberto à renegociação canônica, assim como sinais que apontam para uma maior ou menor recepção de propostas teóricas associadas a uma revisão dos cânones.

Neste artigo convocar-se-ão alguns desses sinais: serão consideradas tomadas de posição sobre o cânone literário nacional (e internacional) por figuras de renome dos Estudos Italianos, com presença também na crítica de divulgação. Sucessivamente, focaremos a importação de teorias e práticas de renovação canônica, com especial atenção para a recepção dos Estudos Pós-coloniais – por esses últimos terem tido, apesar de um certo atraso, mais eco do que outras propostas. Por fim, será enquadrada a situação institucional em termos de oferta pedagógica e de divisão científica nas escolas e nas universidades.

Objetivo deste artigo será fornecer e problematizar elementos sobre a questão do cânone literário em Itália e contribuir para a discussão sobre a necessidade da sua renovação, tentando focar quais são as resistências ao acolhimento de apelos para uma abertura canônica e o que as motiva.

## 1. Enquadramento teórico

Vários foram os discursos teóricos que questionaram o cânone literário e os seus processos. A extensa literatura que podemos reconduzir sob o rótulo de Pós-Colonial partiu da análise de literaturas até então marginalizadas ou criticamente inexistentes no panorama literário mundial e de posições críticas do Eurocentrismo, chegando a um questionamento profundo da construção do cânone literário e do status quo da literatura mundial (Saïd 1978 e 1993, Spivak 1990, 1999 e 2003, Bhabha 1994; Chakrabarty 2000). Forneceu instrumentos teóricos úteis também para *corpora* literários distantes dos que inspiraram o seu surgimento, acabando por constituir-se como uma teoria da hegemonia e das desigualdades literárias.

O *Cultural Turn* (Viragem Cultural) dos Estudos de Tradução enveredou na direção de uma análise extra- e intra-textual da circulação da literatura em tradução (especialmente Lefevre 1992, Venuti 1995 e 1998), questionando a construção dos cânones nacionais e dos cânones de traduções e a manipulação da fama literária, focando os agentes (Milton/Bandía 2009), a importância de antologias e da re-escrita como conceito-chave da circulação intra- e internacional das obras literárias.

Várias vertentes do conjunto de instâncias teóricas que se podem incluir sob a alçada do conceito de Literatura-Mundo continuaram este questionamento com diferentes abordagens, chegando a propor uma visão completamente renovada da Literatura Comparada (Casanova 2004, Moretti 2000 e 2003, Prendergast 2004, Damrosch 2014, Deckard/Lawrence 2015, Helgesson/Vermeulen 2016).

O Discurso Decolonial (Mignolo 1995, 2011, 2012 e Mignolo/Walsh 2018, Sousa Santos 2003, Sousa Santos/Menezes 2009), centrando-se no plano epistémico, retoma a crítica do Eurocen-

trismo e do suposto universalismo do paradigma de conhecimento ocidental, contra as possibilidades de sistemas epistêmicos alternativos, marginalizados por um centro emanador ocidental, com uma agenda de opressão e em plena expansão.

Estudos sobre o cânone literário abundam, alimentando polêmicas como as que surgiram nos anos 90 a partir dos Estados Unidos com a publicação do *Cânone Ocidental* de Harold Bloom, alastrando até questões que se prendem com o ensino da literatura (Bloom 1994 e 2003, Sela-Sheffy 2002, Harder 2013, Hardtke 2013, Wiesmüller 2015), indo também incidir no espaço dos *Curriculum Studies*.

Por fim, nos últimos anos, estão a surgir em vários contextos europeus *corpora* de literatura dita Afrodescendente, Afropolitana ou *Afropean*, ou de textos não literários associados a esta nova classificação identitária (entre outros, Pitts 2019), continuando a questionar os cânones literários tradicionais.

## 2. O cânone literário italiano, o cânone literário em Itália

O cânone, todavia, em vários círculos, parece permanecer incorruptível e entrincheirado em posições ferozmente conservadoras. Todas as propostas teóricas acima referidas parecem ter tido um impacto muito escasso na revisão dos cânones literários de ensino e na percepção do público em Itália. Não será inútil notar como as inovações teóricas nem sempre conseguem, por um lado, sair do circuito académico em que foram produzidas, por outro, até mesmo dentro desse circuito encontram reações de profunda hostilidade que acabam por esterilizar as possibilidades de renovação que essas sugestões trariam. Há que dizer também que o cânone é, por natureza, constantemente renegociado ao longo da história da literatura (Lefevere 1992), não sendo talvez o mais correto pensar a questão em termos de *substituição*. Todavia, os novos pilares que deveriam reger cânones renovados, de facto, em muitos casos tardam em surgir.

Como acontece em outros países, os estudiosos que se ocupam da cultura e da literatura nacional têm em Itália um lugar privilegiado no seio dos Estudos Literários, ao ponto de poderem ser considerados (e considerarem-se) verdadeiros “guardiões” do cânone literário nacional. É um fenómeno em parte decerto motivado pelo facto de que o número dos que se ocupam da literatura nacional é muito alto em comparação com qualquer outra disciplina focada numa literatura estrangeira; além disso, e como veremos, é das fileiras dos Estudos Italianos que provém a maioria dos professores do ensino secundário, o que faz com que as ideias discutidas nesses círculos acabem por ser de facto mais propagadas e ter uma fortuna mais duradoura.

As tentativas de adaptação ao contexto italiano da Teoria Pós-Colonial têm aqui muita importância, por ser a única proposta teórica entre as citadas com uma recepção relativamente estruturada, embora tardia. O discurso Decolonial não parece ter tocado os Estudos Literários em Itália, aparecendo timidamente em outras áreas das humanidades. A Literatura-Mundo, nas suas várias vertentes, também pouco impacto parece ter tido, muito embora um dos seus mais antigos e combativos expoentes seja um italiano, Franco Moretti – ativo, porém, em universidades fora do país. As discussões sobre o cânone, pelo contrário, conseguiram uma recepção bastante relevante.

### 3.1. Italianistas, guardiões do cânone nacional

Segue-se uma breve lista de intervenções sobre o cânone literário levadas a cabo por nomes de destaque dos Estudos Italianos em Itália: académicos afirmados e que têm também impacto na vida cultural extra-académica, com intervenções nas páginas de diários e revistas de grande circulação entre os não-especialistas – e, de facto, é de textos deste género que nos aproveitaremos.

Numa entrevista com o título *Il Canone italiano* (Asor Rosa 2008), Alberto Asor Rosa toma posição sobre o cânone. A sua argumentação parece permanecer dentro de parâmetros muito tradicionalistas: não há qualquer vestígio da avaliação de nenhuma das propostas teóricas acima referidas. É como se o grande crítico literário se mexesse num mundo em que tais propostas não tiveram lugar, esterilizando-as através de um silenciamento total. A única referência bibliográfica explícita remete ao livro de Harold Bloom, *The Western Canon* (Bloom 1994): uma obra considerada seminal no campo da manutenção do cânone tradicional. Acresce que essa referência não faz mais que redundar numa crítica ao Anglocentrismo do ensaísta americano, acabando Asor Rosa por deixar entender que, em vez de Shakespeare, Bloom poderia ter colocado no centro do seu cânone Dante. Ora, tendo em consideração o lugar de destaque dado a Alighieri no livro de Bloom, o comentário de Asor Rosa padece de Italo-centrismo:

penso che in Bloom agisca un pregiudizio, naturalmente molto ragionevole e giustificabile, in favore della assoluta grandezza di un autore come Shakespeare, che certamente è uno dei grandi anzi dei grandissimi della letteratura occidentale, ma che Bloom assume in termini eccessivamente esclusivi [...], è chiaro che se uno pone al centro del proprio sistema dei classici un autore come Shakespeare arriva a delle conclusioni molto diverse che se facesse la stessa operazione ponendo al centro del proprio sistema dei classici un autore come Dante Alighieri. (Asor Rosa 2008)

[acho que em Bloom está a agir um preconceito, naturalmente muito razoável e justificável, em favor da absoluta grandeza de um autor como Shakespeare, que com certeza é um dos grandes e até dos enormes da literatura ocidental, mas que Bloom interpreta em termos excessivamente exclusivos [...], é claro que colocando no centro do próprio sistema de clássicos um autor como Shakespeare, chega-se a conclusões muito diferentes que se se fizesse a mesma operação colocando no centro do sistema de clássicos um autor como Dante Alighieri.]

A entrevista também contém um topos dos discursos crítico-literários italianos das últimas décadas: uma lamentação de que a literatura se lançou num “abismo” cujo fim não está à vista. É de lembrar nesta sede que Asor Rosa foi e é um dos críticos literários e dos historiadores da literatura italiana mais influentes das últimas décadas, entre outras coisas autor de uma monumental *Storia della letteratura italiana* (Asor Rosa 2009) publicada pela Einaudi e considerada obra de referência.

Remo Ceserani, outro grande nome da crítica literária nacional, em *Intervista a Remo Ceserani su letteratura e insegnamento* (Sismondini 2015) assinala que ele próprio protagonizou uma

renovação em termos didáticos e de oferta de manuais com abordagens inovadoras. Regista, todavia, que essa renovação foi seguida por um período de retrocesso, sugerindo a ideia de que o período das aberturas e das experimentações, em Itália, foi limitado no tempo a um período já ido:

[...] io ho allestito a suo tempo, insieme con la compianta Lidia De Federicis, un'antologia, *Il materiale e l'immaginario* [...] che ha proposto un modo nuovo di affrontare l'insegnamento della letteratura, mettendola in rapporto con le altre forme del sapere [...], allargando la scelta dei testi ben oltre i confini nazionali e affiancando ai grandi testi classici altri testi [...] Ora la situazione mi pare che sia in una fase di stanca. (Sismondini 2015)

[...] eu organizei há tempos, junto com a falecida Lidia De Federicis, uma antologia, *Il materiale e l'immaginario* (Turim, Loescher), que propôs uma nova maneira de encarar o ensino da literatura, pondo-a em relação com outras formas de saber [...], alargando a escolha dos textos muito além das fronteiras nacionais e pondo a par dos grandes textos clássicos outros textos, por várias razões interessantes. [...] Este projeto, nascido em anos de grandes esperanças culturais (verdadeiras utopias), teve por alguns anos um êxito extraordinário, junto de uma classe de professores motivados mas também de estudantes curiosos [...]. Depois gradualmente voltaram os velhos manuais, as velhas antologias, mas também alguns bons livros que tentaram imitar o nosso exemplo, muito embora às vezes renunciando a algumas das características mais inovadoras do modelo, por razões práticas. Agora a situação parece-me que está numa fase de cansaço.]

Acrescenta Ceserani na mesma entrevista que este projecto, “nascido em anos de grandes esperanças culturais (verdadeiras utopias)” (Sismondini 2015), acabou, depois de um grande sucesso inicial, por ser paulatinamente substituído pelos velhos manuais e antologias. Solicitado sobre as discussões canónicas, e mais particularmente sobre o livro de Bloom, Ceserani assinala que em Itália esse volume foi interpretado da forma mais conservadora possível, sentenciando que não parece haver no horizonte nenhuma “mudança verdadeira”:

La discussione sul canone è arrivata anche in Italia, come al solito in ritardo e con una troppo facile scimmiettatura del modello americano. Veri cambiamenti non mi pare che si avvertano. Il libro di Harold Bloom sul canone occidentale, molto personale e idiosincratice, è stato preso sul serio più in Italia che negli Stati Uniti, e utilizzato a sostegno di una visione tradizionalista e conservatrice della storia della letteratura italiana. (Sismondini 2015)

[A discussão sobre o cânone chegou também a Itália, como de costume em atraso e macaqueando de forma demasiado simplista o modelo americano. Verdadeiras mudanças não me parece que estejam no horizonte. O livro de Harold Bloom sobre o cânone ocidental, muito pessoal e idiosincrático, foi tomado mais a sério em Itália do que nos Estados Unidos, e utilizado para apoiar uma visão tradicionalista e conservadora da história da literatura italiana.]

O entrevistador pergunta a Ceserani se a filologia prevaleceu definitivamente sobre a crítica. A opinião do entrevistado é de que o quadro “não é certamente reconfortante” (Sismondini 2015), embora conceda que a situação é diferente conforme os cursos e que, deste ponto de vista, há mais sinais positivos nos âmbitos do ensino de línguas estrangeiras, de literatura comparada e de teoria de literatura, que nos cursos das faculdades de letras e de literatura italiana. Mas pergunta denuncia que há um fosso entre essas duas categorias na academia italiana:

Purtroppo quello che si è verificato negli ultimi due decenni è stata una separazione proprio dei due termini «filologia» e «critica» e spesso l'attività filologica, chiusa in se stessa, è stata una specie di rifugio, un bunker per cercare di reagire alla crisi della critica. (Sismondini 2015)

[...] infelizmente o que aconteceu nas últimas duas décadas foi a separação dos termos «filologia» e «crítica» e muitas vezes a atividade filológica, fechada em si própria, foi uma espécie de refúgio, um bunker para tentar reagir à crise da crítica.]

Há de facto um problema em torno do rótulo “filologia”, que é muitas vezes vista como horizonte teórico e não como uma metodologia. Há uma certa recusa em falar de teoria da literatura fora da disciplina da Literatura Comparada, sendo que a teoria é considerada instrumento quase propagandístico. Qualquer novidade acaba por ser vista com desconfiança, com a justificação de que atacaria o rigor científico (identificado com o rigor filológico), quando as duas coisas poderiam e deveriam co-existir (nada proíbe que se faça um trabalho com um horizonte teórico pós-modernista, ou pós-colonial, e um método filológico). A filologia é por muitos o *default* e nem sempre se interroga sobre a direção e o fim do seu trabalho. Tudo o que vem de novo é visto como perigoso para a ordem vigente, e rotulado como moda passageira para retirar importância à proposta e poder não levar a sério o seu conteúdo.

Romano Luperini, outro nome de grande relevância dos Estudos Italianos, numa intervenção alojada no site da Universidade de Siena, *Il canone del Novecento e le istituzioni educative* (Luperini s/ano), toma posição sobre o cânone literário italiano contemporâneo e o seu ensino na escola. Trata-se de um apaixonado apelo em favor da abertura do cânone no sentido de incluir a produção mais recente, até agora ignorada pelos programas. Ele sublinha como, quando foi feita a reforma Gentile (1922/23), que instituiu em larga medida a estrutura atual das escolas italianas, foram incluídos autores então contemporâneos, mas como esses currículos não foram revistos, continua a ser tratada como contemporânea a literatura de há cem anos. A de Luperini é uma sólida tentativa de abertura do cânone, na direção de tentar subtrai-lo à tirania do *Risorgimento* e das visões do período fascista. Se, por um lado, nesta tomada de posição há referência ao pós-moderno, nenhum outro elemento do quadro teórico acima esboçado aparece:

Hanno avuto un peso anche le poetiche dominanti nel postmodernismo che, in nome dell'ibridazione e del pastiche, hanno messo in discussione la rigidità dei canoni e delle loro tradizionali alternative [...]. Hanno inoltre – e, forse, soprattutto – influito gli attuali processi di trasformazione economica, politica

e culturale – come la “globalizzazione” dell’industria culturale, la tendenza alla multiethnicità, la formazione di entità sovranazionali – che pongono in crisi le identità nazionali e culturali costringendo a continui e rapidi aggiornamenti del canone e modificando perciò le gerarchie dei valori. (Luperini s./d.)

[Tiveram peso também as políticas dominantes durante o pós-modernismo que, em nome da hibridização e do pastiche, puseram em discussão a rigidez dos cânones e das suas tradições alternativas (Classicismo vs. Romantismo; tradição vs. Vanguarda). Tiveram influência também – e talvez principalmente – os atuais processos de transformação económica, política e cultural – como a “globalização” da indústria cultural, a tendência para a multi-etnicidade, a formação de entidades sobre-nacionais – que colocam em crise as identidades nacionais e culturais forçando a contínuas e rápidas atualizações do cânone e modificando portanto as hierarquias dos valores.]

Luperini sublinha também o nexo entre cânone literário e identidade civilizacional e nacional, tentando equilibrar a sua posição entre a proposta de um “cânone forte” e a ausência de cânones:

Direi anzi che, in un periodo in cui la cultura postmodernista sta proponendo un disinvolto azzeramento dei valori, appare pericolosa non tanto l’affermazione autoritaria di un canone forte (comunque da combattere), quanto l’assenza di ogni canone in una indifferente equivalenza di scelte e di prospettive. Riproporre la questione del canone significa riproporre anche la questione dell’identità culturale di un popolo o di un insieme di popoli, dunque di una civiltà. (Luperini s. d.)

[Diria eu até que, num período em que a cultura pós-modernista está a propor um desenvolvimento anulação dos valores, parece perigosa não a afirmação autoritária de um cânone forte (de qualquer forma a combater), mas a ausência de qualquer espécie de cânone numa indifferente equivalência de escolhas e perspectivas. Repropor a questão do cânone significa repropor também a questão da identidade cultural de um povo ou de um conjunto de povos e, portanto, de uma civilização.]

Essas tomadas de posição não se situam de forma explícita em volta da descolonização do cânone. A impressão é que os grandes mestres da disciplina não tenham lido, ou tenham resolvido ignorar as novidades teóricas dos últimos quarenta anos. A discussão, portanto, versa essencialmente sobre: a grande crise (italiana, mas encarada como sendo universal) das humanidades e mais especificamente da literatura nacional, do ensino, da escola, da universidade, da sociedade, da crítica, esta última dada como morta e irrecuperável na sua dimensão social; as “novas tecnologias”, vistas como ameaça ou, pelos mais progressistas, como possibilidade. Está de todo ausente uma discussão sobre inclusão das marginalidades internas da literatura nacional, e de produções literárias mundialmente periféricas, assim como o eventual renovamento de instrumentos teóricos na abordagem da história da literatura nacional.

Há porém dentro da disciplina também vozes que se afastam deste quadro. Um exemplo brilhante é o de Matteo Di Gesù, que em *L’affidabilità di un marchio garantito ‘Letteratura italiana’*

since 1870 (*se non prima*) (Di Gesù 2011), faz uma resenha penosa de tomadas de posição de grandes críticos italianos aquando da antologização e historicização da literatura italiana, e leva também a cabo um *excursus* muito interessante sobre definições ministeriais de disciplina e ordenamento universitário, o que abre para perspectivas novas. Di Gesù analisa profundamente o discurso de lamentação dos italianistas, troçando, entre outras coisas, dos títulos apocalípticos de algumas publicações recentes:

Finanche molti titoli dei saggi che in questi anni hanno segnalato il pericolo dell'estinzione compongono un lemmario ascrivibile al campo semantico della perdita, dell'esaurimento, del trapasso: *Dopo la fine* di Giulio Ferroni, [...] *La lettera che muore* di Gabriele Frasca. (Di Gesù 2013: 148-149)

[Até vários títulos de ensaios que em anos recentes assinalaram o perigo da extinção compõem um lemmário que se pode ligar ao campo semântico da perda, do esgotamento, do falecimento: *Dopo la fine* (Depois do fim) de Giulio Ferroni, [...] *La lettera che muore* (A letra que morre) de Gabriele Frasca.]

Desmontando assim este *habitus* e denunciando os tons de “litania” e “lamentação litúrgica” que imputa aos críticos a que se refere. Tais análises, na sua opinião, “[...]sembrano tradursi in un senso comune vago e generico, quando non in pose intellettuali piuttosto asfittiche e improduttive” (Di Gesù 2013: 148-149):

A ogni modo l'habitus dell'umanista, dell'italianista prevede che ci si lagni dei cupi tempi che ci attendono [...]. Corollario di questa argomentazione cerimoniosa è l'invocazione rituale della tutela di questa antica istituzione, onusta di secoli di gloria, imprescindibile collante per l'unità della patria, vanto e onore della nazione. (Di Gesù 2013: 148-149)

[...] De qualquer forma, o *habitus* do humanista, do italianista prevê uma queixa dos turvos tempos que nos esperam [...]. Corolário desta argumentação cerimoniosa é a invocação ritual da tutela desta antiga instituição, prenhe de séculos de glória, imprescindível cola para a unidade da pátria, orgulho e honra da nação.]

Para terminar, Di Gesù expõe o ridículo deste *habitus*, com uma previsão divertidamente polémica:

Su questi presupposti, verosimilmente la sorte che attende la letteratura italiana [...], più che l'estinzione, è quella di certi formaggi preparati con antichi metodi tradizionali: verrà istituito un consorzio di tutela, verrà certificata la sua genuinità, verrà rilasciato il contrassegno di garanzia DOP. (Di Gesù 2013: 149)

[Partindo destes pressupostos, é verosímil que a sorte que espera a literatura italiana [...], mais do que a extinção, é a que coube em sorte a certos queijos preparados com antigos métodos tradicionais: instituir-se-á um consórcio de proteção, será certificada a sua genuinidade, será dado o rótulo de garantia “de origem demarcada”s.]

Ele faz um apanhado de posições teóricas de italianistas, entre os quais Boitani, Ferroni e o próprio Asor Rosa, vendo como nas definições e imagens da literatura italiana nesses autores, além de faltar toda e qualquer referência a Estudos Culturais, de Gênero e Pós-Coloniais, prevalece ainda uma ancoragem profunda da literatura à identidade nacional, que pode ser resumida assim: não haveria Itália sem literatura italiana, dando portanto à literatura um papel estruturante da nação.

Nestes e noutros exemplos da sua produção científica, tendo-se ocupado muito do nexo literatura/nação, Di Gesù chega a fazer propostas interessantes e de facto inovadoras a nível de caminhos de investigação: propõe releituras em chave pós-colonial de clássicos da literatura italiana, assim como da tradição mais recente da literatura siciliana ou meridional em geral.

Assinalamos, portanto, por um lado, a queixa recorrente do fim dos tempos, do fim da crítica, do fim da literatura como unidade epistémica e no seu papel social e cultural de que o *Risorgimento* e a reforma Gentile a dotaram na vida nacional. Os grandes nomes dos Estudos Italianos reconhecem que chegámos ao fim de um ciclo, sem conseguir apontar, todavia, nenhuma via para o futuro. Por outro lado, é de assinalar o ensurdecedor silêncio a que são relegadas as propostas de abertura canónica. O único nome citado dos Canon Debates dos anos 90 é o de Harold Bloom.

Será também relevante notar como o próprio Bloom, considerado um campeão – se não o campeão *par excellence* – da defesa de um cânone tradicional, em última análise não se furta a uma discussão com as propostas de renovamento. No começo de *The Western Canon – Preface and Prelude* (Bloom 1994: 1-12), de facto, ele dá espaço a estas novidades, para rejeitá-las com força, e cunha até o divertido rótulo de *School of Resentment* como chapéu terminológico que inclui várias filiações teóricas marxistas desestruturadoras do cânone. Esse termo é claramente pouco abonatório, e tenciona desacreditar essas linhas de pensamento. Há que ver, todavia, que é um reconhecimento da existência dessas propostas. Nos casos italianos que vimos, pelo contrário, há só silêncio. Não é possível concluir se este silenciamento é consciente ou não, se tais propostas foram consideradas e rejeitadas (mas então porque não nomeá-las e argumentar contra, como faz Bloom?) ou se simplesmente o assunto não despertou interesse, sendo essas propostas a considerar como passageiras, heresias de um momento, modas de uma estação, extravagâncias de mundos diferentes e incomensurável. Esta última hipótese seria a pior e mais radical forma de resistência possível, um silenciamento que equivale a uma marginalização completa que redundna na negação da existência.

### 3.2. O Pós-Colonial (e outras margens) em Itália

Itália não possui uma tradição de literatura pós-colonial na língua nacional comparável às de outras línguas europeias ex-imperiais, nomeadamente o inglês, o francês e o português. Esta situação depende da história colonial italiana, por um lado tardia e de curta duração, por outro obliterada na consciência nacional, porque acabou por identificar-se com a parábola do regime fascista. Este quadro fez com que, mesmo do ponto de vista histórico-social, a *italianidade* não tenha sido confrontada com os problemas da imigração e de uma sociedade multi-étnica, com

os seus desafios de integração e multiculturalismo, até anos muito recentes. Enquanto outros espaços linguísticos iam construindo, já nos anos 60, reflexões nos Estudos Sociais e também *corpora* literários pós-coloniais na língua “doméstica”, Itália só será confrontada com uma imigração massiva a partir dos anos 80, com uma aceleração significativa a partir de 2000. Além disso, não havendo ex-colônias italianas onde a língua italiana seja oficial e/ou de largo uso, a possibilidade do surgimento de *corpora* literários nessa língua é muito limitada. Não é de estranhar que a atenção crítico-literária se tenha então coagulado em volta da Literatura de Migração e de tentativas pós-coloniais produzidas no território nacional.

Isso resultou em que nenhum dos autores originários de outros países que escrevem em italiano alcançou um patamar de consagração nem sequer de longe parecido ao que foi dos grandes autores pós-coloniais em inglês, francês ou também português. Além disso, as escritas de migração e pós-coloniais em italiano, por um lado, continuam de todo desconhecidas do grande público, por não terem um posicionamento editorial nem crítico que as favoreça; por outro, são marginalizadas relativamente ao discurso crítico-literário. Uma das consequências disso é que o conjunto Pós-Colonial seja visto por muitos académicos como não-relevante para a realidade italiana, porque inaplicável. A ideia de que os Estudos Pós-Coloniais possam fornecer ferramentas teóricas válidas também para analisar segmentos do cânone nacional não parece ter tido muito favor. Por isso tudo, a história da adoção de um conjunto teórico pós-colonial nos Estudos Literários em Itália é bastante recente (pós-2000) e está estritamente ligado à constituição de um corpus literário pertinente de textos literários pós-coloniais, ou de Literatura da Migração, em italiano.

O texto de Sandra Ponzanesi *Il postcolonismo italiano. Figlie dell'impero e letteratura meticcica* (Ponzanesi 2004) é uma tentativa de instituição e de estudo da literatura pós-colonial em italiano. Na sua introdução, Ponzanesi tenta importar o conjunto teórico pós-colonial, com a intenção de proclamar a existência de uma literatura pós-colonial em italiano, opondo-se explicitamente à visão de que tal coisa pode existir nesses termos só no mundo de língua inglesa. A linguagem usada e os objetivos limitados desta obra denunciam a sua natureza pioneirística e a consciência que a própria autora tem disso.

Roberto Derobertis organizou um volume de ensaios com o título *Fuori centro. Percorsi postcoloniali nella letteratura italiana* (Derobertis 2010), no qual uma série de produções literárias marginais são estudadas, em torno do nexo colonialismo/pós-colonialismo. É de notar que uma obra literária de um dos mais consagrados autores italianos do século XX (no caso, *Il tempo di morire* de Ennio Flaiano) é incluída na lista, abrindo a uma abordagem pós-colonial a partes do cânone já consagrado. A última contribuição, de Sabelli, foca uma autora feminina num quadro teórico de Estudos Subalternos devedor do discurso de Spivak.

Além do escasso interesse dos Estudos Literários para com a produção pós-colonial, Derobertis assinala o atraso com que o Pós-Colonial foi recebido em Itália e aponta várias reações de hostilidade e inércia, chamando em causa inteiras disciplinas:

Non a caso sono stati gli studi di anglistica i primi ad introdurre in Italia gli studi postcoloniali, con grande ‘ritardo’ rispetto allo sviluppo di questi studi nel mondo anglofono e non senza reticenze. Del resto, a non aver fatto i conti con la storia del colonialismo italiano, con il destino delle ex colonie e in generale con le dinamiche politiche, sociali, economiche e culturali della globalizzazione, sono stati tutti gli studi letterari nell’accademia italiana, non solo quelli di italianistica. Quest’ultima, ridotta ormai a depositaria museale delle presunte e antichissime tradizioni “italiane” della letteratura “nazionale”, è stata in assoluto la più ostile a confrontarsi con la complessa cassetta degli attrezzi degli studi postcoloniali. (Derobertis 2010: 23)

[Não é um acaso que tenham sido os estudos ingleses os primeiros a introduzir em Itália os estudos pós-coloniais, com grande “atraso” em comparação com o desenvolvimento desses estudos no mundo anglófono e não sem reticências. No fundo, a não ter feito as contas com a história do colonialismo italiano, com o destino das ex-colónias e em geral com as dinâmicas políticas, sociais, económicas e culturais da globalização, foram todos os estudos literários da academia italiana, não só os de italianística. Esta última, reduzida como está a depositária museológica das supostas e antiquíssimas tradições “italianas” da literatura “nacional”, foi em absoluto a mais hostil a confrontar-se com a complexa caixa de ferramentas dos estudos pós-coloniais.]

O autor menciona ainda o ceticismo de que são alvo estes estudos, “acusados de ser um cavalo de Tróia da alegada desenfreada hegemonia cultural anglo-americana” (Derobertis 2010: 25). Outra nota importante é que relaciona a falta de receção teórica do Pós-Colonial ao hábito de não ler em inglês. Esta é uma observação muito pertinente, até porque, em sendo verdade, isso aplicar-se-ia também a outras linhas teóricas desenvolvidas no mundo anglo-saxónico.

O livro *Postcolonial Italy. Challenging National Homogeneity* (Lombardi-Diop/Romeo 2012) é o único entre os aqui citados que foi escrito em inglês e publicado fora de Itália. Embora tenha sido sucessivamente traduzido para italiano, não pode de todo ser considerado um produto da academia italiana. É o trabalho mais vasto e de maior alcance entre os aqui citados. A panóplia de assuntos tratados é impressionante: entre História, Sociologia e Literatura, este volume trata da produção literária em italiano de autores conexos com as ex-colónias, mas aborda também a Itália contemporânea, no nexo de migração, transculturação/integração e hibridez da nova produção cultural. A tentativa de ultrapassar (ou ao menos de circunscrever e denunciar) a mentalidade colonial é clara mesmo no capítulo *Blaxploitation Italian Style: Exhuming and Consuming the Colonial Black Venus in 1970s Cinema in Italy*, de Rosetta Giuliani Caponetto. Afirma-se a difícil posição da escrita pós-colonial em Itália, por causa de uma italianidade ainda ancorada a uma definição racial/biológica: “Postcolonial writing in Italy is often haunted by the denial of political and cultural citizenship, as the legal principle for its acquisition is still caught in the ambiguity of racialist and biologist definitions of Italianness” (Lombardi-Diop 2012: 10). Pedem-se uma reavaliação do cânone literário e cultural nacional, visto como obstaculizante:

The reassessment of the project of *italianità* in light of a postcolonial consciousness underlines the need for a reassessment of the Italian cultural and literary canon, especially if one considers the unquestionable (and unquestioned) contribution of Italian civilization to Western culture since antiquity. (Lombardi-Diop 2012: 10)

[A reavaliação do projeto de *italianità* à luz de uma consciência pós-colonial sublinha a necessidade de uma reavaliação do cânone literário e cultural italiano, especialmente se se considerar a inquestionável (e não-questionada) contribuição da civilização italiana para a cultura ocidental desde a antiguidade.]

De facto, a questão da italianidade parece central na aceitação da cidadania das segundas gerações em Itália e parece largamente ainda estar ligada a uma questão biológica e fenotípica. Esta situação repercute-se no plano do literário, impedindo uma aceitação da produção das segundas gerações e dos migrantes que escrevem em italiano no número dos autores italianos contemporâneos num pé de igualdade com os seus pares.

Mais uma vez assinala como a tradução, além do mais tardia, de instrumentos teóricos do inglês, não se revelou suficiente, porque é ainda forte a convicção de que essas teorias não fariam sentido fora do mundo anglófono:

However, this important intervention has not proven to be sufficient, since the theoretical framework developed in the British context did not “translate” to the Italian one. For the most part, critical works on postcolonial theory and literature remained limited to Anglophone writers and authors. As a result, the idea that a postcolonial discourse had no reason to develop outside an Anglophone environment was reinforced, by implying that in Italy there was no postcolonial condition to speak of. (Lombardi-Diop 2012: 11)

[Todavia, esta intervenção importante provou não ser suficiente, visto que o quadro teórico desenvolvido no contexto britânico não se “traduziu” para o italiano. Na maioria dos casos, trabalhos críticos sobre a teoria e literatura pós-colonial ficaram limitados a autores e escritores anglófonos. Resultado disso é que a ideia de que um discurso pós-colonial não tinha razão de desenvolver-se fora do ambiente anglófono saiu reforçada, implicando que em Itália não havia condição pós-colonial a discutir.]

Rosanna Morace publicou um volume com o título *Letteratura-mondo italiana* (Morace 2012), que, em saindo do sulco do Pós-Colonial até aqui abordado, aparenta ser a única tentativa de importação do conceito de Literatura-mundo. O enquadramento teórico de Morace, todavia, não é devedor dos discursos de Pascale Casanova, Franco Moretti e David Damrosch, referindo-se em vez ao conceito de Édouard Glissant, acabando por seguir o exemplo do Manifesto *Pour une “littérature-monde” en français* – e que originou um homónimo volume de estudos (Rouaud/Le Bris 2007). Desta feita, o que Morace faz é apresentar uma lista (mais uma) de casos de estudo de autores principalmente migrantes que escrevem em italiano ou em Itália – à qual se acrescenta um autor arbëreshe.<sup>1</sup> Na introdução, Morace rejeita a definição de Literatura Migrante

(ou da Migração), considerando-a ofensiva e redutora, e avança propondo o rótulo de “Literatura-mundo italiana”. Questões de circulação internacional da literatura e de canonização são ignoradas, assim como questões acerca da estrutura do Sistema Literário Mundial – temas mais centrais noutras abordagens da Literatura-Mundo. A Literatura da Migração – embora aqui disfarçada de Literatura-Mundo – aparenta continuar a atrair a atenção dos italianistas italianos.

*Postcoloniale italiano. Tra letteratura e storia* (Sinopoli 2013) é uma tentativa rigorosa de tratar o Pós-Colonial em Itália, focando-se quer na História, quer na Literatura. Com várias contribuições de diferentes académicos, este volume traça um estado da arte rigoroso sobre o Pós-Colonial em Itália no primeiro capítulo (*Dislocazioni. Gli studi postcoloniali in Italia: contesti, elaborazioni, problemi*, de Roberto Derobertis). No que diz respeito aos Estudos Literários, o leque deste volume limita-se à produção literária italiana pós-colonial em sentido estrito, isto é, a textos escritos em italiano por pessoas que vivem ou são naturais das ex-colónias italianas e/ou incidem sobre colonialismo ou pós-colonialismo italiano. Os autores deste volume não tentam aplicar uma abordagem pós-colonial (ou decolonial) ao cerne do cânone literário nacional, nem procuram olhar para a Literatura-Mundo.

*Subalternità italiane. Percorsi di ricerca tra letteratura e storia* (Deplano/Mari/Proglgio 2014) foca a partir do título o conceito de Subalterno na História e na Literatura italiana contemporânea. Clara e explícita é a dívida teórica com a linha dos Estudos Subalternos. O leque de focos é variado: do já tradicional interesse para com a literatura das ex-colónias, até a questão da branquitude (*whiteness*) e do racismo contemporâneo. Há pelo menos duas intervenções que tratam do Sul de Itália e da construção da nação, desta forma aplicando de forma eficaz o conjunto de instrumentos dos Estudos Subalternos à situação italiana, não se limitando só à produção migrante.

A contribuição de Claudia Gualtieri *Voci dell’Africa, dall’Africa in Italia* (Gualtieri 2015), publicada no site *Postcolonialitalia*, tenta esboçar o estado da arte do Pós-Colonial nos Estudos Ingleses em Itália. As contribuições deste texto são muito relevantes aqui: ela também lamenta o atraso com que a universidade italiana importou o conjunto teórico pós-colonial:

Nella genealogia degli studi postcoloniali in Italia, si nota come l’uso del termine “postcoloniale” e l’interesse per le letture teoriche che altrove ne avevano avviato la riflessione critica, per non parlare di un articolato e consapevole dibattito teorico, siano partiti con un notevole ritardo rispetto, per esempio, ai paesi di lingua inglese e francese. (Gualtieri 2015)

[Na genealogia dos estudos pós-coloniais em Itália, nota-se como o uso do termo “pós-colonial” e o interesse por leituras teóricas que em outros lugares tinham começado a reflexão crítica sobre elas, para não falar num articulado e consciente debate teórico, partiram com muito atraso em comparação, por exemplo, com os países de língua inglesa e francesa.]

Gualtieri também fala da estrutura das disciplinas literárias em Itália, vendo como a divisão ainda com base nacional obstaculiza um diálogo que seria indispensável.

Sublinha depois como várias universidades centram o seu trabalho sobre literaturas africanas dentro de um quadro pós-colonial, enquanto outras não: “Ci sono università con settori di studio squisitamente letterari che si occupano di letteratura africana adottano metodologie di critica letteraria canonica” (Gualtieri 2015). O que levanta uma questão fundamental: é possível tratar eficazmente literaturas pós-coloniais sem importar a teoria pós-colonial? Será suficiente acrescentar obras pós-coloniais como apêndices dos cânones tradicionais ou teremos que acompanhar esta expansão com a importação de uma série de instrumentos teóricos dedicados?

Gualtieri leva o conceito de cânone à discussão, para o adjetivar de “rígido e imóvel”, e denuncia a hostilidade por parte de um establishment académico que via propostas literárias africanas como nada menos que “transgressivas da ordem estética e ideológica dominante”. Faltava, diz,

un collegamento internazionale con il dibattito teorico intellettuale postcoloniale e mancava quella formazione critica e metodologica che si sarebbe potuta concretizzare solamente cercando di recuperare il tempo perduto sia costruendo competenze analitiche e critiche specifiche di teoria e di studi postcoloniali, sia identificando una possibile strada italiana del postcoloniale. (Gualtieri 2015)

[uma ligação internacional com o debate teórico-intelectual pós-colonial e faltava essa formação crítica e metodológica que teria podido concretizar-se somente tentando recuperar o tempo perdido, quer construindo competências analíticas e críticas específicas de teoria e estudos pós-coloniais, quer identificando uma possível via italiana para o pós-colonial.]

Fechamos esta lista com o testemunho da tradutora e estudiosa Itala Vivan, que muito contribuiu para que alguns entre os maiores autores africanos de língua inglesa fossem disponibilizados para o público italiano, e que, em 2013, esboça um triste balanço da situação da receção das literaturas africanas em Itália, no artigo *Leggere l’Africa in Italia. La ricezione delle letterature africane nei cinquant’anni delle indipendenze, 1960-2010*:

Naturalmente oggi nessuno più avrebbe il coraggio di negare l’esistenza di un’importantissima tradizione africana di parola d’arte, e tuttavia in Italia manca l’educazione del gusto necessaria a un autentico incontro in questo settore. [...] Il fattore di base di tale situazione, tuttavia, è la pervicace insistenza a non voler rivedere il canone letterario in senso generale. (Vivan 2013: 3)

[É óbvio que hoje em dia ninguém teria já a coragem de negar a existência de uma importante tradição africana de palavra artística, e todavia em Itália falta a educação do gosto necessária para um autêntico encontro neste setor. [...] O fator-base de tal situação, todavia, é a teimosa insistência em não querer rever o cânone literário em sentido geral].

Assinala também as resistências à importação do Pós-Colonial: “Anche in Italia tali studi si sono lentamente ma sicuramente affermati nonostante le forti resistenze di un certo establishment accademico” (Vivan 2013: 9).

Nesta breve resenha, não é para esquecer o extenso trabalho de Armando Gnisci – que não por acaso tinha uma formação de comparatista – para o apelo à descolonização dos cânones nacionais e internacionais, sendo talvez o único da sua geração a ter incorporado de forma constante e profunda o nexos teórico pós-colonial nos seus estudos em Itália (Gnisci 2004 e 2007, entre outros).

Podemos encontrar algumas constantes ligadas a estudiosos que tentaram “importar” para Itália o conjunto teórico pós-colonial: a lamentação geral, neste caso, do atraso nacional na adoção dessas propostas, junto de algumas considerações recorrentes: o colonialismo italiano tardio, breve e obliterado; a hostilidade e a rejeição por parte de largos setores académicos de que vários desses autores falam. Revela-se que há um fosso de “nacionalismo teórico”, que faz com que seja mal visto aceitar novidades vindas do estrangeiro e que, além de qualquer outra consideração, vai contra uma constatação natural: o mundo de língua inglesa contribuiu e está a contribuir enormemente para formulações teóricas inovadoras no campo literário.

Se a Literatura de Migração é central em Itália para quem se ocupa de literaturas marginais, até mais do que as próprias literaturas extra-europeias, um cânone pós-colonial em italiano consensual ainda não existe e talvez nunca venha a existir. Nesse sentido, porém, é de assinalar que nos últimos anos no seio dos ambientes de militância anti-racista e de reivindicação de direitos por parte de minorias, criou-se um grupo importante de escritores italianos de segunda geração – um nome recorrente é o de Igiaba Scego, que chegou a ser publicada em chancelas de referência, mas há uma vasta esfera de produção e divulgação literária que envolve, por um lado, a constelação da migração e, por outro, o grupo das segundas gerações, ou “nuovi italiani”. Dentro da primeira categoria, assinalamos o projeto *Nuovi italiani crescono. La letteratura migrante come strumento didattico nella scuola superiore di secondo grado*,<sup>2</sup> e o projeto *Words4Link*,<sup>3</sup> com uma base de dados de escrita migrante e a revista *El-Ghibli* de literatura da migração.<sup>4</sup> Dentro da segunda, é notável o site *Afrologist. Letterature afropolitane*,<sup>5</sup> e a chancela editorial *SUI*,<sup>6</sup> fundada por, e dedicada exclusivamente à escrita dos “novos italianos”.

Itália, por outro lado, importou através da tradução o “cânone pós-colonial internacional”, se tal coisa existe: nomes de autores mundialmente consagrados como o de Salman Rushdie, V. S. Naipaul e Derek Walcott foram publicados por editoras de referência (Mondadori e Adelphi) e tiveram uma boa recepção. Também autores africanos, como Coetzee e Nadine Gordimer tiveram as suas traduções editorialmente bem colocadas. Pelo contrário, autores africanos não-brancos, apesar de terem também uma consagração internacional de primeira importância, tiveram menos sucesso: é o caso, por exemplo, de Wole Soyinka, Ngugi Wa Thiong’o, e Chinua Achebe, parcialmente publicados ao longo dos anos 80 e 90 em editoras menos visíveis como a Jaca Book. Outros nomes africanos são ainda menos traduzidos, e deles se encontram rasto só em alguns departamentos universitários especializados. Pelo que respeita as literaturas extra-europeias de língua francesa, importante foi a recepção dos autores da *Négritude* nos anos 60/70

(Césaire e sobretudo Senghor). Em menor medida, também as literaturas africanas de língua portuguesa foram objeto de algum interesse nas últimas duas décadas.

### 3.3. A situação institucional (currícula na escola e na universidade)

Entre as forças que determinam e reescrevem os cânones num sistema literário, a escola e a universidade têm um papel da máxima relevância. No ensino secundária italiana continua a divisão entre liceus (*licei*) e escolas técnicas e profissionais. Os primeiros são tradicionalmente divididos em *Liceo Classico*, *Scientifico* e *Linguistico*. A população estudantil dos liceus em 2015<sup>7</sup> era de 42.000 unidades nos *Licei Classici*, 120.000 nos *Scientifici* e 23.000 nos *Linguistici*, o que perfaz um total de 185.000 numa população estudantil total de 450.000. Se nos *Licei Classici* está previsto o ensino de língua e literatura grega, nas três categorias de liceu faz parte do currículo a língua e literatura latina, o que significa que quase metade da população estudantil italiana tem cinco anos de literaturas clássicas. Considerando que é dos liceus que vem a maioria dos inscritos nos cursos superiores de Estudos Literários, será fácil chegar à conclusão de que a maioria absoluta (quando não a totalidade) dos alunos de literatura a nível superior terá uma formação clássica. A isto acresce que, em muitos casos, o professor de literatura italiana ensina também língua e literatura latina e/ou grega, portanto, a nível de carreira docente, um número considerável de docentes de literatura nas escolas italianas, e entre eles a maioria absoluta nos liceus, é pessoal formado em literaturas clássicas.

Um breve olhar sobre o sistema universitário ajudará a perceber o que é que isso acaba por significar. Os Estudos Literários a nível superior são agrupados tradicionalmente em três cursos de licenciatura (e mestrado): *Lettere Classiche*, *Lettere Moderne* e *Lingue Straniere*.<sup>8</sup>

O curso de *Classiche*, por efeito da abundância das vagas na escola como saída profissional privilegiada, além do prestígio associado ao estudo da antiguidade num país que ainda gosta de reconhecer-se como herdeiro e baluarte da defesa classicidade, é tudo menos que marginal, ao contrário do que acontece noutros países. Não é surpreendente que esses cursos, geralmente, contenham também um percurso obrigatório de literatura italiana, o que faz sentido na previsão de que muitos dos alunos acabarão por ensinar literatura latina/grega e italiana nos liceus. Mais surpreendente é a situação dos cursos de *Lettere Moderne* e *de Lingue Straniere*: entre as cadeiras obrigatórias do curso de *Moderne* em muitas universidades há uma presença massiva de literaturas clássicas e medievais.

Um mestrado em *Lingue Straniere* não habilita para o ensino da literatura italiana nas escolas: os licenciados desse curso acabarão por ensinar, dependendo do seu percurso e da disponibilidade de vagas, uma literatura estrangeira. No curso de *Moderne* é muito forte a presença da italianística: é também daí que sairão os italianistas de amanhã. O curso de *Lingue Straniere* será em princípio o mais aberto a instâncias que vêm de fora do país, não só em termos de conteúdo literário, mas também em termos de inovações teóricas. Sublinhe-se aqui a divisão clara entre quem estuda a literatura nacional e quem estuda literaturas estrangeiras, que não tem paralelo noutros países.

Relevante é também ver que, por um lado, a divisão dos departamentos e das cátedras

continua a reproduzir a estrutura herdada da filologia do século XIX, em literaturas europeias nacionais. Quer a nível de cadeiras, e portanto de oferta pedagógica, quer a nível de investigação, assim como a nível de carreira possível, há uma divisão quase estanque entre literatura italiana, literaturas clássicas e cada uma das literaturas estrangeiras. O ministério italiano da universidade reconhece vários Setores Científico-Disciplinares (*Settori Scientifico-Disciplinari*, SSD) a que todo e qualquer concurso para lugares de investigação ou de docência, assim como a Habilitação Científica Nacional (*Abilitazione Scientifica Nazionale*, ASN) deverá referir-se.

Se as literaturas clássicas recaem dentro do SSD 10/D (*Scienze dell'antichità*), junto com História Antiga, os Estudos Franceses, Espanhóis e Ingleses têm cada qual um SSD dedicado (10/H *Francesistica*, 10/I *Ispanistica*, 10/L *Anglistica e angloamericanistica*). Curiosa a posição dos Estudos Portugueses, que aferem ao SSD 10/E (*Filologie e letterature medio-latina e romanze*), junto com Filologia Românica e outras literaturas românicas menores, o que indica a fraqueza da disciplina a nível nacional e o endereço filológico/canónico que ainda domina parte da lusitanística italiana. Curiosa é também a posição dos Estudos Alemães, que não dispõem de um SSD próprio, dividindo o 10/M (*Lingue, letterature e culture germaniche e slave*) com literaturas germânica menores e com todos os Estudos Eslavos! De notar ainda como o único SSD com a explícita referência à “crítica literária” num dos seus sub-setores, é o de Estudos Italianos (10/F *Italianistica e letterature comparate*), sugerindo que na realidade é precisa uma formação em Estudos Italianos para enfrentar quer o vasto conjunto da teoria da literatura (*critica letteraria*), quer, e mais surpreendentemente, as Comparadas! Por fim, ainda existe o SSD 10/N (*Culture dell'Oriente e dell'Africa*), em que as literaturas africanas são agrupadas com uma definição vaga de literaturas orientais, sugerindo uma divisão disciplinar em que não é fácil acomodar a produção literária pós-colonial em línguas europeias (reforçada pelas classes de licenciatura que separam um curso de Orientais de um curso de Literaturas “euro-americanas”).

Deste quadro resulta uma absoluta centralidade dos cânones tradicionais. Resultado será uma população de licenciados e mestrados, e portanto futuros professores e investigadores, necessariamente muito convencidos da validade dos cânones tradicionais, sendo que o silenciamento de alternativas possíveis triunfa sobre qualquer uma delas.

Contudo, algumas universidades mais dinâmicas foram abrindo cursos e espaços de investigação dedicados a abordagens menos tradicionais. Em Nápoles a Università L'Orientale tem um curso de “Estudos Asiáticos e Africanos” a nível licenciatura e de mestrado; a Universidade de Bolonha oferece um curso de mestrado de “Literaturas Modernas, Comparadas e Pós-Coloniais”; na mesma universidade existe há décadas um centro de investigação dedicado às “Literaturas Homeóglotas dos Países Extra-Europeus”, e constituído por especialistas de várias áreas. A Universidade de Turim apresenta um curso de licenciatura em “Línguas e Culturas da Ásia e da África”, enquanto Milão oferece uma em Línguas, “Literaturas e Culturas Europeias e Extra-Europeias”.

#### 4. Conclusões

Das evidências convocadas neste artigo, o primeiro elemento que surge com força é a hostilidade de uma parte consistente da italianística italiana para com uma renegociação profunda do cânone, denunciada com algum alarme por estudiosos que se esforçaram no sentido de uma abertura para os Estudos Pós-coloniais. Além do mais, o que emerge é desconfiança e suspeita para com propostas teóricas que vêm da anglosfera, muitas vezes ignoradas sem uma avaliação dos seus méritos/defeitos e sobre a sua possível utilidade, mas descartadas por preconceito.

Quer a nível de investigação, quer no plano didático (no secundário e no ensino superior), é denunciada ainda uma ancoragem profunda da pedagogia e da função da literatura à construção da nação e da identidade nacional, de forma a excluir visões diferentes sobre a própria função da literatura e os objetivos de trabalhos de investigação sobre a mesma. É evidente uma preocupação por uma nação em última instância sentida como frágil na sua dimensão de comunidade cultural. Assinala-se a perceção geral de uma profunda crise da crítica literária italiana, sem que se tenha conseguido ainda apontar caminhos fecundos de renovação dos estatutos e dos métodos da mesma.

A estrutura do ensino da literatura a nível secundário e superior apresenta uma grande centralidade dos cânones tradicionais, com grande espaço reservado às culturas clássicas e ao mandato identitário da literatura nacional, reproduzindo a vários níveis atitudes hostis para com ideias de renegociação dos cânones. Nomeadamente, a divisão ainda muito forte da didática e da investigação literária a nível superior em filologias “nacionais” obstaculiza o êxito de ações de renovoamento epistemológico e metodológico.

Por outro lado, assinalam-se tentativas estruturadas e sólidas de importação e adaptação teórico-metodológica no sentido do Pós-Colonial, quer na investigação, quer na oferta pedagógica a nível de algumas universidades, infelizmente sem uma cartilha nacional, acabando por resultar iniciativas muitas vezes pontuais, redundando numa sua marginalização no panorama científico nacional

#### NOTAS

\* Marco Bucaioni (1981), investigador no CLEPUL/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Pós-Doutoramento no mesmo centro. Doutorado em Literaturas Comparadas (2013) e mestre em Línguas e Literaturas Estrangeiras (2006) pela Universidade de Perúgia, Itália. Também tradutor e editor de literatura, com especial atenção para a produção africana em português. Está a trabalhar questões de circulação e receção de literaturas africanas de língua portuguesa em tradução. Interesses de investigação: Literatura-Mundo; Estudos de Tradução; Modernidade e Modernismo; Estudos Pós-Coloniais e Discurso Decolonial.

<sup>1</sup> É a minoria de língua albanesa tradicionalmente presente em várias ilhas linguística do Sul de Itália, fruto de várias vagas migratórias ao longo dos séculos XV-XVIII. A língua albanesa de Itália é falada por cerca de 100.000 pessoas.

<sup>2</sup> <https://rivistedigitali.ericsson.it/educazione-interculturale/archivio/vol-17-n-1-2/nuovi-italiani-crescono-la-letteratura-migrante-come-strumento-didattico-nella-scuola-superiore-di-secondo-grado/> (último acesso em 17/11/2020).

<sup>3</sup> <https://www.words4link.it/risultati/> (último acesso em 17/11/2020).

<sup>4</sup> <http://www.el-ghibli.org/> (último acesso em 17/11/2020).

<sup>5</sup> <https://www.afrologist.org/> (último acesso em 17/11/2020).

<sup>6</sup> <https://www.facebook.com/Edizioni.SUI/> (último acesso em 17/11/2020).

<sup>7</sup> Dados recolhidos pelo ISTAT e disponíveis na seguinte hipeligação: <http://dati.istat.it/Index.aspx?QueryId=25749> (último acesso em 17/11/2020).

<sup>8</sup> Depois da reforma de Bolonha, as classes de licenciatura são L10 para *Lettere* e L11 para *Lingue e culture moderne*, a nível de mestrado LM14 (*Filologia moderna*) corresponde grosso modo a *Lettere Moderne*, LM15 (*Filologia, letterature e storia dell'antichità*) corresponde a *Lettere Antiche* e LM37 (*Lingue e letterature moderne europee e americane*) a *Lingue Straniere*, acrescentando a classe LM36 (*Lingue e letterature dell'Africa e dell'Asia*) oferta por não muitas universidades.

## Bibliografia

- Antonelli, R. / Remo Ceserani et al. (2000), “Riflessioni sul canone della letteratura italiana nella prospettiva dell’insegnamento all’estero”, *Quaderns d’Italià*, 4/5, 1999/2000.
- Asor Rosa, Alberto (2009), *Storia della letteratura italiana*, Torino, Einaudi.
- (2008), *Il Canone italiano*. <https://giugenna.com/2008/09/01/asor-rosa-il-canone-italiano/> (último acesso em 17/10/2020).
- Bhabha, Homi K. (1994), *The Location of Culture*, London and New York, Routledge.
- Bloom, Harold (1994), *The Western Canon: The Books and School of the Ages*, New York, Harcourt-Brace.
- (2002), *Genius. A Mosaic of One Hundred Exemplary Creative Minds*, London, Fourth Estate.
- Braz, Albert (2014), “Chosen Literatures: Core Languages, Peripheral Languages, and the World Literary System”, *Mosaic: a journal for the interdisciplinary study of literature*. Volume 47. Number 4. December 2014. 119-134.
- Casanova, Pascale (2004), *The World Republic of Letters*, Cambridge (MA), Harvard University Press.
- Chakrabarty, Dipesh (2000), *Provincializing Europe. Postcolonial Thought and Historical Difference*, Princeton University Press.
- D’Haen, Theo (2016), “Major/Minor in World Literature”, *Journal of World Literature*. vol. 1, issue 1.

- Damrosch, David (org.) (2014), *World Literature in Theory*, Malden and Oxford, Wiley-Blackwell.
- Deckard, S. / N. Lawrence (2015), *Combined and Uneven Development. Towards a New Theory of World-Literature*, Liverpool, University Press.
- Deplano, Valeria/ Lorenzo Mari/ Gabriele Proglia (2014), *Subaltermità italiane. Percorsi di ricerca tra letteratura e storia*, Ariccia, Aracne.
- Derobertis, Roberto (ed.) (2010), *Fuori centro. Percorsi postcoloniali nella letteratura italiana*, Roma, Aracne.
- Di Gesù, Matteo (2005), *Palinsesti del moderno. Canoni, generi, forme nella postmodernità letteraria*, Milano, FrancoAngeli.
- (2011), “L’affidabilità di un marchio garantito ‘Letteratura italiana’ since 1870 (se non prima)”, in G. Alfano et al. (orgs.), *Dove siamo? Nuove posizioni della critica letteraria*, Palermo, Duepunti.
- Ghezzi, Carla (1992), “La letteratura africana in Italia: un caso a parte”, *Africa: Rivista trimestrale di studi e documentazione dell’Istituto italiano per l’Africa e l’Oriente*, Anno 47, No. 2 (Giugno), pp. 275-286.
- Gnisci, Armando (2004), *Via della Decolonizzazione europea*, Cosmo Iannone, Roma.
- (2007), *Decolonizzare l’Italia*, Bulzoni Editore, Roma.
- Gualtieri, Claudia (2015), “Voci dell’Africa, dall’Africa in Italia”. *Postcolonialitalia, Postcolonial Studies from the European South*, [http://www.postcolonialitalia.it/index.php?option=com\\_content&view=article&id=109:gualtieri-intervento&catid=27:interventi&Itemid=101&lang=it](http://www.postcolonialitalia.it/index.php?option=com_content&view=article&id=109:gualtieri-intervento&catid=27:interventi&Itemid=101&lang=it) (último acesso em 17/10/2020).
- Harder, Marie-Pierre (2013), “(Dé)construire le canon”, *Comparatismes en Sorbonne*, 4-2013.
- Hardtke, Thomas (2015), “Kanon und Weltliteratur in der Literaturdidaktik: Deutschsprachiger und US-amerikanischer Diskurs im Vergleich”, *World Literature Studies* 3, vol. 7.: 55-62.
- Helgesson, Stefan / Pieter Vermeulen (orgs.) (2016), *Institutions of World Literature: Writing, Translation, Markets*, New York, Routledge.
- Lefevere, André (1992), *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame*, London and New York, Routledge.
- Lombardi-Diop, Cristina/ Caterina Romeo (2012), *Postcolonial Italy. Challenging National Homogeneity*, New York, Palgrave Macmillan.
- Luperini, Romano (s. d.), *Il canone del Novecento e le istituzioni educative*, Siena, Università degli Studi di Siena. <http://www3.unisi.it/ricerca/prog/canone/can/Luperini1.htm> (último acesso em 17/10/2020).
- Mignolo, Walter (1995), *The Darker Side of the Renaissance. Literacy, Territoriality and Colonization*, Ann Arbor, The University of Michigan Press.
- Mignolo, Walter (2011), *The Darker Side of Western Modernity. Global Futures, Decolonial Options*, London and Durham, Duke University Press.
- (2012), *Local Histories, Global Designs. Coloniality, Subaltern Knowledges and Border Thinking*, Princeton, Princeton University Press.

- Mignolo, Walter/ Catherine Walsh (2018), *On Decoloniality. Concepts, Analytics, Praxis*, Durham and London, Duke University Press.
- Milton, J./ Paul Bandia (orgs.) (2009), *Agents of Translation*, Amsterdam, Benjamins.
- Morace, Rosanna (2012), *Letteratura-mondo italiana*, Pisa, ETS.
- Moretti, Franco (2000), "Conjectures on World Literature", *New Left Review* 1.
- (2003), "More conjectures", *New Left Review* 20.
- Pitts, Johny (2019), *Afropean. Notes from Black Europe*, London, Allen Lane.
- Ponzanesi, Sandra (2004), "Il postcolonialismo italiano. Figlie dell'impero e letteratura meticciosa", *Quaderni del '900. iv. 2004. La letteratura postcoloniale italiana. Dalla letteratura d'immigrazione all'incontro con l'altro*. Pisa/Roma, Istituti editoriali e poligrafici internazionali.
- Prendergast, Ch. (2004), *Debating World Literature*, London-New York, Verso.
- Roncaglia, Gino / Giovanni Solimine (2015), "Canone e canoni: opinioni a confronto", *Biblioteche oggi*. Trends, Dicembre, pp. 6-22.
- Rouaud, Michel / Jean Le Briss (orgs.) (2007), *Pour une "littérature-monde" en français*, Paris, Gallimard.
- Said, Edward (1978), *Orientalism*, New York, Random House.
- (1993), *Culture and Imperialism*, New York, Knopf.
- Sapiro, Gisèle (2016), "How Do Literary Works Cross Borders (or Not)? A Sociological Approach to World Literature", *Journal of World Literature* 1, pp. 81-96.
- Sela-Sheffy, Rakefet (2002), "Canon Formation Revisited. Canon and Cultural Production", *Neohelicon XXIX* (2002) 2, pp. 141-159.
- Sinopoli, Franca (ed.) (2013), *Postcoloniale italiano. Tra letteratura e storia*, Aprilia, Novalogos.
- Sismondini, Alberto (2013), "Intervista a Remo Ceserani su letteratura e insegnamento", *Laletteraturaenoi*, 16 dicembre 2013. [https://www.laletteraturaenoi.it/index.php/scuola\\_e\\_noi/213-intervista-a-remo-ceserani-su-letteratura-e-insegnamento.html](https://www.laletteraturaenoi.it/index.php/scuola_e_noi/213-intervista-a-remo-ceserani-su-letteratura-e-insegnamento.html) (último acesso em 17/10/2020).
- Sousa Santos, Boaventura (2003), "Entre Próspero e Caliban. Colonialismo, Pós-Colonialismo e Interidentidade", *Novos Estudos CEBRAP* nº 66, Julho, pp. 23-52.
- Sousa Santos, Boaventura / Maria Paula Menezes (eds.) (2009), *Epistemologias do Sul*, Coimbra, Almedina.
- Spivak, Gayatri C. (1999), *A Critique of Post-Colonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present*, Harvard, University Press.
- (2003), *Death of a Discipline*, New York, Columbia University Press.
- Spivak, Gayatri. C. / R. Guha (orgs.) (1988), *Selected Subaltern Studies*, Oxford, Oxford University Press.
- Stam, Robert / Ella Shohat (2012), "French Intellectuals and the Postcolonial", *Interventions*, 14:1, pp. 83-119.
- Venuti, Lawrence (1995), *The Translator's Invisibility. A History of Translation*, London and New York, Routledge.

- (1998), *The Scandals of Translation. Towards an Ethic of Difference*, London and New York, Routledge.
- Vivan, Itala (2013), “Leggere l’Africa in Italia. La ricezione delle letterature africane nei cinquant’anni delle indipendenze, 1960-2010”, *Italian Studies in Southern Africa/Studi d’Italianistica nell’Africa Australe*, 26, 1.
- Wiesmüller, Wolfgang (2013), “Die Kanondebatte – Positionen und Entwicklungen”, *Zeitschrift des Verbandes Polnischer Germanisten/Czasopismo Stowarzyszenia Germanistów Polskich*, 2, 3, pp. 281-295.